

# O objeto da angústia em Freud e Lacan<sup>1</sup>

Maria Carolina Bellico Fonseca

---

## Resumo

A autora parte, neste trabalho, de algumas considerações, aparentemente discordantes entre Freud e Lacan, acerca do objeto da angústia – para o primeiro, a angústia não tem objeto e para o segundo, *ela não é sem tê-lo*. Sabendo que Lacan foi um grande leitor de Freud, a autora interessou-se por aquilo que parecia ser, até então, uma contradição do mestre; dessa forma, resolveu pesquisar no texto de ambos buscando a compreensão dessa aparente discordância.

## Palavras-chave

Angústia, Desamparo, Objeto *a*, Das Ding.

A angústia é um afeto que não é recalcado; desamarrada de seus significantes, ela fica à deriva enlouquecida e enlouquecendo o sujeito quando este não dispõe do recurso do simbólico para lidar com ela. Seu estudo permeia a obra freudiana e a ela Lacan dedicou todo um seminário. Aqui, no que diz respeito ao texto freudiano, nos deteremos naquilo que se convencionou chamar de “segunda teoria da angústia” representada pelo texto *Inibição, sintoma e angústia*, e quanto ao texto lacaniano daremos relevância ao *Seminário 10*, para trabalhar o mesmo tema.

Em *Inibição, sintoma e angústia* Freud estabelece uma relação entre a angústia, o perigo e o desamparo (trauma); a angústia surge como uma reação a um estado de perigo que pode levar à vivência de desamparo. O significado de uma situação de perigo consiste na avaliação feita pelo sujeito de sua força em relação ao risco e no seu reconhecimento do desampa-

ro físico ou psíquico na circunstância. A situação de desamparo que o sujeito “realmente tenha experimentado” é denominada, nesse texto, de *situação traumática*.

Para Freud, o nascimento seria o momento inaugural da angústia, protótipo de todas as situações ulteriores de perigo, primeiro trauma que, ao lançar o sujeito numa vivência de desamparo, acarretaria para o eu um excesso de quantidades de estímulo impossível de ser descarregadas.

*“A situação de não satisfação na qual as quantidades de estímulo se elevam a um grau desagradável sem que lhes seja possível ser dominadas psiquicamente ou descarregadas deve, para a criança, ser análoga à experiência de nascer – deve ser uma repetição da situação de perigo” (...) “É a ausência da mãe que agora constitui o perigo, e logo que surge esse perigo a criança dá o sinal de angústia, antes que a temida situação econômica se estabeleça”<sup>2</sup>.*

---

1. Trabalho apresentado pela autora no Seminário do Texto Freudiano, CPMG, em 15/06/08.

2. FREUD, S. *Inibição, sintoma e angústia*. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p.161.

Além disso, Freud afirma que a situação de sentir falta da mãe é traumática caso a criança esteja sentindo uma necessidade passível de ser satisfeita pela mãe e conclui que o primeiro determinante da angústia seria a “perda de percepção do objeto (equacionada com a perda do próprio objeto)”<sup>3</sup>.

Dessa forma, os momentos posteriores seriam novas edições dessa vivência sempre que ocorresse a ameaça de perda de objeto, ameaça hostil de revivência do desamparo; assim, a “*angústia é um produto do desamparo mental da criança, o qual é um símile natural de seu desamparo biológico*”<sup>4</sup>. A angústia funcionaria, então, não só como uma reação à perda, mas também como um sinal quando uma situação de perigo, ou seja, a possibilidade da perda ameaçasse a se instaurar; expectativa de um trauma ou a repetição do mesmo em forma atenuada.

Freud firma então a posição de que a angústia (*angst*) “tem uma qualidade de indefinição e falta de objeto”<sup>5</sup> e que na conjuntura de haver um objeto, seria mais adequado falar de medo (*Furcht*).

Nesse ponto podemos refletir o seguinte: o medo mencionado aqui, refere-se a um objeto da realidade fenomenológica, em sua existência sensível e passível de causar danos. Trata-se de uma referência ao perigo real mediante o qual o sujeito pode ter uma ação motora ou uma grande inibição causada pela angústia.

Freud, porém, vai se referir também a um perigo pulsional que é o da perda de objeto relacionado, em primeira instância, à perda da mãe. Ele não o diz claramente nesse texto, mas esse primeiro objeto, anterior ao próprio sujeito, do qual este tem uma dependência suprema, não estaria relacionado à Coisa (*das Ding*) ou a seus atributos, mencionado por ele em outros

textos? Acreditamos que sim e que é nessa vertente que Lacan teorizará sobre a existência de objeto na angústia. Assim, antes de abordar as ideias deste autor no seminário da Angústia, gostaríamos de lembrá-lo num seminário anterior (*Seminário 7*) na conceituação que faz de *das Ding*, pontuações que irão nos auxiliar em nossa argumentação posterior.

Para Lacan, uma das vertentes da Coisa (*Ding*) é o *fremde* (estranho), que pode ser hostil num dado momento. Trata-se do primeiro exterior em torno do qual se orienta todo o encaminhamento do sujeito, encaminhamento de referência em relação ao mundo dos desejos. Objeto inalcançável, enquanto Outro absoluto do sujeito, este é, no entanto, o que se busca reencontrar e que funda a orientação do sujeito humano em direção ao objeto, mas que é igualmente qualificado de objeto perdido. E ele relaciona ainda *das Ding* à figura da mãe:

“(…) tudo que se desenvolve no nível da interpsicologia criança-mãe e que expressamos mal nas categorias ditas de frustração, da gratificação e da dependência não é senão um imenso desenvolvimento da coisa materna, da mãe na medida que ela ocupa o lugar dessa coisa, de *das Ding*”<sup>6</sup>.

Voltando ao tema da angústia, recorreremos agora ao *Seminário 10* no qual Lacan discorda da posição freudiana acerca da falta de objeto na angústia. Este autor não apenas sustenta a posição contrária, como também marca a especificidade desse objeto – trata-se do *a*, ‘objeto por excelência da angústia’. Ele chega, inclusive, a enfatizar que só é possível falar de angústia mediante a presença ou ameaça da presença de *a*.

3. *Idem*, p.195.

4. *Idem*, p.162.

5. *Idem* p.190.

6. LACAN, J. *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*, p. 87. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1968.

“Em *Inibição, Sintoma e Angústia*, Freud nos diz, ou parece dizer, que a angústia é a reação-sinal ante a perda de um objeto. (...) Vocês não sabem que não é a nostalgia do seio materno que gera a angústia, mas a iminência dele? O que provoca a angústia é tudo aquilo que nos anuncia, que nos permite entrever que voltaremos ao colo. (...) O que há de mais angustiante para a criança é, justamente, quando a relação com base na qual essa possibilidade se institui, pela falta que a transforma em desejo, é perturbada (...) Não se trata de perda do objeto, mas da presença disto: de que os objetos não faltam”<sup>7</sup>.

Neste caso, não se trata, como é sabido, de um objeto qualquer do mundo sensível, mas de um objeto inapreensível, não representável, do registro do real; concebido como causa, ele está atrás do desejo. Ele pode ser identificado sob a forma de “fragmentos” parciais do corpo, redutíveis a quatro: o cíbalo, o mamilo, a voz e o olhar e Lacan ainda inclui o falo, destacando-o como “o mais ilustre dos objetos”. “São objetos anteriores à constituição do status do objeto comum, comunicável, socializado. Eis do que se trata no a”<sup>8</sup>. Para Lacan, o objeto a precede a captação do sujeito, no lugar do Outro, na forma especular,

“É a ideia de um exterior de antes de uma certa interiorização, que se situa em a, antes que o sujeito, no lugar do Outro, capte-se na forma especular, em x, forma esta que introduz para ele a distinção entre o eu e o não-eu”<sup>9</sup>.

Apesar de afirmar que a angústia não se relaciona com a presença-ausência da

mãe, é possível entrever no texto lacaniano a relação entre o objeto a e as primeiras experiências da criança com o Outro, numa aproximação evidente da *das Ding* freudiana; experiências relacionadas à constituição do sujeito e a sua separação do desejo do Outro. Assim, a aproximação de a traria a ameaça do *fading*, do desvanecimento do indivíduo enquanto sujeito de desejo e, dessa forma, traria a angústia.

“A angústia, ensinou-nos Freud, desempenha em relação a algo a função de sinal. Digo que é um sinal relacionado com o que se passa em termos da relação do sujeito com o objeto a, em toda a sua generalidade. O sujeito só pode entrar nessa relação na vacilação de um certo *fading*, vacilação que tem sua notação designada por um S barrado”<sup>10</sup>.

Harari, em um dos seminários que ofereceu tratando do Seminário da Angústia em Lacan, faz uma interessante aproximação entre a Coisa e a mãe, enquanto Outro primordial.

“O lugar da Coisa pode ser ocupado por aquilo que Lacan denomina como o Outro primordial, isto é, a Mãe, em sua vertente de Outro real. É certo que não se trata da mãe empírica, senão do que é produzido por um ineludível efeito de estrutura”<sup>11</sup>.

Esse autor prossegue respondendo à pergunta de Lacan sobre o que estaria no começo: “Pois, o *Desejo da Mãe*; e este consiste em reintegrar seu produto. É aí mesmo que a Mãe surge diante do *infans* como *das Ding*”<sup>12</sup>.

7. LACAN, J. O seminário, livro 10: a angústia, p. 64.

Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

8. *Idem*, p.103.

9. *Idem*, p.115.

10. *Idem*, p.98.

11. HARARI, R. O Seminário “A Angústia”, de Lacan: uma introdução. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997, p.73.

12. *Idem*, p.74

Ora, sendo assim, achamos teoricamente viável a afirmação de que o objeto da angústia esteja relacionado ao objeto *a* em sua vertente de Outro primordial, da Coisa freudiana, anterior a qualquer registro mnêmico, e à fundação do próprio inconsciente. Em termos da Carta 52, podemos pensar em algo da ordem de Wz, do traço e da letra sem transcrição, pura inscrição que não faz cadeia, enxame de S1.

Se assim for, podemos também afirmar que é disto que se trata na angústia para Lacan, da ameaça de aproximação do objeto *a*, da reintegração pela mãe de seu produto, por isso ela (a angústia) “não é sem tê-lo”. Acreditamos que as experiências que nos trazem tal dimensão são aquelas descritas pelos indivíduos nas quais se “perde o chão”, fica-se sem referência de tempo e espaço; experiências que podem ser ditas traumáticas ou que se associam a tais vivências cujo excesso de “quantidades” pode escoar, ficar à deriva e muitas vezes, numa saída razoável, ser amarrado num sintoma ou num fenômeno psicossomático. Caso contrário, essa energia livre, sem amarração, enlouquece o sujeito e pode desembocar num *acting out*, ou ainda, numa passagem ao ato e até mesmo num surto psicótico. Elas desestabilizam o sujeito ao ameaçarem sua constituição enquanto tal.

O que me faz recordar do caso de Maciel, criança de 6 anos, para a qual os pais buscaram análise em função de seus constantes ataques de “pânico”, principalmente quando eles se atrasavam 5 minutos para buscá-lo nas saídas da escola. Ele era uma criança sensata e, até certo ponto, independente em sua rotina, de excelente nível intelectual, mas que se perdia de si no desarrazoado de seus ataques de angústia. Os pais relatam um início de vida conturbado por problemas de saúde, a ponto de levar a mãe a passar cinco dias e noites sem dormir com medo de que acontecesse “alguma coisa” com o filho. Além

disso, seus primeiros anos foram marcados por diversas cirurgias “muito traumáticas”. Dessa forma, Maciel cresceu agarrado aos pais, principalmente à mãe, demorando mais que as outras crianças a vencer as sucessivas etapas de separação – aproximação de estranhos, festinhas, dormir em casa de amigos e parentes; quando estas aconteciam, eram com a garantia da manutenção de contato visual ou por telefone (através da voz e do olhar, ele se certificava da presença materna e podia assim estar em contato com os outros).

No caso de Maciel não havia o medo de um objeto, mas o “pavor de ser esquecido” pelos seus objetos de amor. Nesses momentos, quando o pânico o acometia, nenhum adulto conseguia tranquilizá-lo, nem mesmo a voz da mãe ao telefone surtia qualquer efeito. Ele só sossegava quando ela chegava e o apertava em seus braços conversando com ele. Após um bom tempo de análise, quando lhe foi possível se referir à angústia como “o monstro”, essa criança trouxe uma descrição do mal que lhe acometia que é a própria tradução da angústia: “esse monstro ataca por dentro rasgando o peito”.

Este é um caso muito rico, passível de ser trabalhado em muitas vertentes, mas o faremos a partir do que foi comentado inicialmente da teoria lacaniana e freudiana da angústia. Podemos pensá-lo com Freud, a partir da abordagem da angústia como sinal da perda de objeto, uma vez que temos todos os elementos para fazê-lo: um início de vida no qual o trauma do nascimento se repetiu, principalmente a cada separação nas cirurgias e no nascimento dos irmãos ocasionando objetivamente o perigo da perda de objeto, o desamparo e angústia. Assim, a cada ameaça de separação, este nó foi acionado trazendo seus efeitos.

Com Lacan a situação é um pouco mais complexa, pois o que ocasiona a angústia é a ameaça da presença do objeto

a. Talvez pudéssemos pensar que, com um início de vida tão difícil, a presença materna tenha sido excessiva, excesso de presença, atendendo em demasia à demanda da criança ou, até mesmo, se antecipando a essa demanda vigiando-a; ao temer pela vida do bebê, ela bordejou a morte do sujeito do desejo. Numa linguagem freudiana, com a imaturidade do aparelho psíquico, ficam apenas as inscrições, marcas em Wz da Coisa. Ao que parece, a constituição do objeto e do desejo levou a marca do excesso de gozo do Outro, como se não fosse possível a esse pequeno sujeito ser sem ter a mãe. E é *justamente* a ausência que denuncia o excesso e o perigo de desvanecimento. É pela ausência que essa relação se faz presente através da angústia aplacada apenas com o contato do corpo da mãe, segunda pele que continha o gozo que transbordava do corpo à beira do desvanecimento, à beira do buraco. Contato que inúmeras vezes impediu que esse pequeno sujeito, em momentos de identificação absoluta com o objeto “a”, passasse ao ato caindo de cena.

Ainda com Harari podemos afirmar que, segundo Lacan, a angústia não é sem objeto, só que aqui não se trata

*“(...) de um objeto localizável com rapidez, no nível fenomenológico (...) podemos asseverar não apenas que a angústia não é sem objeto, mas também que o objeto em questão é justamente o que se designou como a-Coisa. (...) O objeto que provoca a angústia no neurótico é a a-Coisa, ou seja, o desejo do Outro enquanto exige que o sujeito apague seus limites, entregando-se(-lhe) de forma incondicional”<sup>13</sup>.*

Dessa forma, à guisa de conclusão, acreditamos não haver contradição entre Freud e Lacan acerca do objeto da angús-

tia – a angústia tem objeto, não o objeto do medo encontrado no mundo sensível, mas um objeto ao mesmo tempo inefável e aterrorizante, que se furta à captação, herdeiro da Coisa (*das Ding*), registro do real. Sua presença traz a possibilidade de mergulho no estado de não-ser ou de des-ser, de mergulho no abismo insondável do real do qual não se tem referência e, por isso mesmo, tão ameaçador. Ameaça a que o ser falante, na impossibilidade do recurso simbólico, responde com angústia que, como nos diz Lacan, tanto tem a função de sinal como de uma interrupção na sustentação da libido. Havendo um corte na libido, resta a pulsão de morte desamarrada, gozo desmedido, sem amarração simbólica, comparável por Freud à dor.  $\varphi$

#### THE OBJECT OF ANXIETY IN FREUD AND LACAN

##### Abstract

*In this article, the author works with the seemingly antagonistic ideas of Freud and Lacan on the object of anguish. For Freud, anguish has no object and for Lacan, anguish cannot exist without an object. Knowing that Lacan was a great student of Freud, the author became interested in what seemed to be, until then, a contradiction of the master; thereon deciding to do research in both texts in the quest of understanding this apparent discordance.*

##### Keywords

*Anguish, Destitution, Object a, Das Ding.*

13. *Idem*, p.76.

## Bibliografia

---

CHEMAMA, R. *Dicionário de Psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995. 240 p.

FREUD, S. Inibição, sintoma e angústia. *ESB*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v.XX.

HARARI, R. *O Seminário "A Angústia" de Lacan: uma introdução*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997. 241p.

LACAN, J. *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1968. 390 p.

LACAN, J. *O seminário, livro 10, a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 368 p.

RECEBIDO EM: 15/04/2009

APROVADO EM: 27/04/2009

## **SOBRE A AUTORA**

---

### **Maria Carolina Bellico Fonseca**

Psicóloga. Psicanalista.

Membro do Círculo Psicanalítico  
de Minas Gerais – CPMG.

Mestre em Psicologia pela UFMG.

### **Endereço para correspondência:**

Rua Santa Rita Durão, 321/511

30140-110 - BELO HORIZONTE/MG

Tel.: (31)3281-3677

E-mail: cbellico@terra.com.br